

A natureza desmascarada

José Castello

Cada vez é mais difícil encontrar a expressão adequada para o mundo que habitamos. Contorções, distorções, imagens imperfeitas, objetos falhados: é assim nosso mundo e dele devemos partir. Dele devemos arrancar alguma beleza e alguma esperança. Precisamos de muitos olhos para ver, ou, pelo menos, para tentar ver. Precisamos do múltiplo, do irregular e do plural. O mundo já não é natural. Ou mais: a natureza já não é o grande campo de certezas a que nos acostumamos.

Paisagens antigas nas quais vacas passeiam sua placidez, árvores balançam ao vento, um grande sol se põe, humanos caminham com serenidade. Igualdade, repetição, estabilidade. Ainda será isso possível? Ainda será possível acreditar em um mundo regido pelo natural? Placidez não mais _ agora fúria. Equilíbrio substituído pela turbulência. A instabilidade governa. O improvável dá as cartas. Mundo estranho, divergente, incoerente. Nosso mundo _ o que as fotografias de Mônica Mansur se empenham em captar.

Encontramos o estereoscópio, instrumento destinado ao exame dos pares de fotografias. É através deste estudo minucioso _ como acontece com os dois olhos que carregamos na face _ que a profundidade, enfim, surge. Sem a duplicação _ sem o outro, sem o desmentido e o irregular _ não há profundidade. E sem ela restam, apenas, superfícies planas, rasas, muitas vezes enganosas e até sórdidas. Sem a duplicação, o profundo nos

escapa e observamos só um mundo achatado, liso e cruel. Um mundo que se oferece como pedra. Duro, impassível e sem nuances.

A estereoscopia é uma técnica usada para se acessar o espaço tridimensional. Análises obtidas de pontos diferentes (divergências) compõem, na verdade, o que chamamos de real, ou de natural. Formam sua alma. O humano é assim: resultado do dois, do múltiplo, do desvio _ e não do Um. São os dois olhos divergentes que compõem a noção do humano, que desenham aquilo que chamamos de homem, que circunscrevem o que aprendemos a amar como “vida natural”. Horror: o natural é antinatural. O natural se desvia de si, se retorce, foge de si mesmo. O natural é uma luta, não é espontâneo. A natureza não passa do confronto sangrento entre pontos de vista divergentes. Não passa de uma batalha.

Daí a beleza das imagens duplicadas _ e também o amor pelos espelhos, instrumentos mágicos, nos quais a banalidade se perde, abrindo caminho para a profusão. Espelhos criam abismos, imensas gargantas do ser onde nada se completa. Onde não se pode ver o fundo. Através de que, indefesos, mas felizes, despencamos. Tudo ao contrário do mundo frenético e luminoso de hoje, apaixonado pelas certezas, pelo “como fazer” e pelas garantias, pelas planícies. Há sempre mundo submersos _ panoramas submersos _ que correm sob aquilo que estamos acostumados a ver. Sombras, desmentidos, negações. Paisagens obscuras ajudam a definir a claridade. A luz só existe porque existe a escuridão. Averso e direito. Como pensar em um casaco sem o seu avesso? Como pensar a natureza sem pensar no antinatural?

Sombras. O valor das sombras, sua aliança com a sutileza e a delicadeza. Escuridões: o valor do que não pode ser visto, talvez só entrevisto, e mais nada. O valor do que pode ser apenas suposto. Imaginado. Adulterado pela beleza sangrenta da arte. Contorções, distorções, retaliações: a arte se vinga da rudeza do mundo. Ela a perfura e a expande. Ela o interroga e desafia. O mundo não é uma pedra, o mundo não está preso no destino do Um. Ela coloca em risco certa visão contemporânea de natureza congelada e bruta _ única e irremediável.

Mesmo quando “ecológica”, essa natureza está sempre muito distante de nós. Esquecemos que vivemos em seu interior. Que somos esse mundo natural _ com tudo o que ele tem de antinatural e de artificial. Que nós também nos desviamos de nós mesmos, nos duplicamos, que temos nossas almas marcadas pela força da divergência. Que lutamos sem parar, e essa luta, sim, é algo que se aproxima de uma vida natural.

A luz e o submerso. Opostos. Há a beleza do fogo, mas há também a beleza do vazio. Nele, pessoas solitárias _ apenas pontos na paisagem imensa _ apresentam a fragilidade de nosso sentido humano. Tudo é tão frágil! Pontos (seres) respingam – chuva ácida, mas potente _ no vazio. Chovem, gotejam, lacrimejam no grande buraco do mundo natural. São esses pontos que o movem. É através deles que o mundo respira. Ali, naquele quase nada, se risca o fósforo da luz humana.

Surgem cavernas, intestinos de pedra, tumores, gargantas. Surgem feridas. A natureza é o resultado de contínuas navalhadas do ser. A natureza sangra, arde, dói. Sempre os dois lados do humano: o belo e o feroz. Como distingui-los? Como separá-los? Será possível, um dia, aprisioná-los em grades diferentes, ou nosso destino é ser este paradoxo? A beleza: desde a luz até a escuridão. A beleza escorre nesse atrito. Dizendo de forma mais dura: a beleza é este atrito.

O fogo. O gelo. Extremos sobre os quais a humanidade caminha, sobre os quais ela se torna humana e natural. A natureza não é só um grande silêncio, tampouco é só uma intensa agonia. A natureza é este choque entre eles: a natureza é um choque. Por isso, talvez, viver eletrifique. Viver agite. Viver nos erga a zonas de contradições em que o gelo se faz fogo e o fogo se derrete em água. Grande alegria do Dois. A natureza como manifestação de um casal. De um amor? Uma relação de amor? A natureza como paixão: eis um caminho a seguir. Intensa, imperfeita, inconstante, irreduzível, ela nos desafia e nos magnetiza. Nós _ seres naturais _ nos desafiamos. E com isso desmascaramos nossa precária, mas por isso mesmo bela, condição.